



ISSN 2318-5104 | e-ISSN 2318-5090

CADERNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Physical Education and Sport Journal

[v. 17 | n. 2 | p. 57-64 | 2019]

RECEBIDO: 12-04-2019

APROVADO: 24-06-2019

ARTIGO ORIGINAL

DOSSIÊ PSICOLOGIA DO ESPORTE

Atitudes e condutas emocionais dos técnicos de basquetebol: a percepção dos atletas de duas equipes do campeonato da FGB

*Emotional attitudes and behaviors of basketball coaches: the perception
of the athletes of two FGB championship teams*

DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n2.p57>

João Luís Coletto da Silva, Leticia Borfe

Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

RESUMO

Objetivo: Investigar as possíveis diferenças na percepção dos atletas de duas equipes participantes do campeonato promovido pela Federação Gaúcha de Basquete (FGB), em relação aos comportamentos, atitudes, condutas, fluência da comunicação e estados emocionais dos técnicos. **Métodos:** Foram sujeitos deste estudo 25 atletas adolescentes, na faixa etária entre 14 e 15 anos. A investigação baseou-se com delineamento ex-post-facto, de caráter descritivo comparativo, e teve como instrumento o questionário Coaching Behavior Questionnaire com perguntas objetivas em uma escala de Likert de 1 a 4. Para verificar as questões mais e menos valorizadas, estratificados, por dimensões, foi utilizada a estatística descritiva, apresentando as médias e o desvio padrão. **Resultados:** Fica evidente que existiram diferenças entre as filosofias dos dois clubes pesquisados, devido, principalmente, aos comportamentos e condutas apreendidas dos atletas em relação aos seus educadores. Os atletas da equipe A possuem médias superiores em relação aos atletas da equipe B. **Conclusão:** A percepção de uma equipe é distinta da outra, mostrando o papel fundamental que o treinador tem no seu trabalho profissional e pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção; Comportamento; Atletas.

ABSTRACT

Objective: To investigate the possible differences in the perception of the athletes of two teams participating in the championship promoted by the Gaucho Federation of Basketball (FGB), in relation to behaviors, attitudes, behaviors, communication fluency and emotional states of the coaches. **Methods:** 25 adolescents, aged 14 to 15 years, were subjects of this study. The research was based on an ex-post facto design, with a comparative descriptive character, and had as instrument the Coaching Behavior Questionnaire with objective questions on a Likert scale of 1 to 4. To verify the more and less valued, stratified issues, by means of descriptive statistics, using the means and the standard deviation. **Results:** It is evident that there were differences between the philosophies of the two clubs studied, mainly due to the behaviors and behaviors seized of the athletes in relation to their educators. The athletes of team A have superior means in relation to the athletes of team B. **Conclusion:** The perception of one team is different from the other, showing the fundamental role that the coach has in his professional and pedagogical work.

KEYWORDS: Perception; Behavior; Athletes.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o esporte de base ainda não se encontra perto do seu desenvolvimento ideal. Poucos são os técnicos que possuem instrumentos ou profissionais trabalhando ao seu lado, deixando de receber muitas informações necessárias sobre as características psicológicas dos atletas (RIBEIRO; OLIVEIRA; SILVA, 2013). Para ajudar a lapidar os conflitos que surgem entre treinadores e jogadores, existe a necessidade de um trabalho de base e de (r)estruturação psicológica entre os educadores e os jovens desportistas (RIBAS; FAGUNDES; MACEDO, 2003).

Há muitos treinadores que incentivam os esportistas antes e durante os jogos, utilizando gritos de “ordem”, agitação e contendo características de ansiedade descontrolada, o que demonstra um desequilíbrio emocional que poderá acabar promovendo uma ativação negativa aos atletas, deixando-os tensos ou inseguros para a próxima jogada. Esse padrão gestual e comportamental, nem sempre motiva os atletas, o que pode acabar prejudicando o seu rendimento, devido aos comportamentos e condutas dos treinadores antes e durante os jogos (ROCHA; CAVALLI, 2006; BECKER, 2002). Um perfil de treinador mais ponderado e incentivador pode ser estabelecido nos estágios iniciais, servindo como um guia que ensina os fundamentos básicos do esporte e facilita a aquisição de conhecimentos. Enquanto um outro perfil mais focado no rendimento, já inserido no estágio de desempenho, pode ser mais exigente e valorizar o sacrifício à busca do resultado contemplando uma mentalidade vencedora ao grupo num todo (COLLADO MARTINEZ; SANCHEZ SANCHEZ, 2017).

No contexto de treinamento e de competições, o papel do treinador é de suma importância, visto que ele é responsável por alguns papéis: comunicar-se e interagir-se com a equipe, construir uma relação individual com cada atleta e criar um ambiente agradável para o desenvolvimento e aprendizado deles (JOWETT, 2007). Quando a relação entre treinador e atleta já estiver em um nível avançado de conhecimento e de capacidade, essa pode ser transformada positivamente, contribuindo na satisfação, sucesso e alcance do bem-estar psicológico de ambos (SULLIVAN; JOWETT; RHIND, 2014).

A contribuição para os jogadores que realizam uma meta a ser alcançada, a partir do momento em que se conhecem melhor, é reforçada quando todos os sujeitos toleram as virtudes e as fraquezas entre si, inclusive, as pessoais (WEINBERG; GOULD, 2001; VILANI, 2001; SAMULSKI, 1995). Contrário a esse pressuposto, se o técnico não conseguir interagir com algum atleta, esse pode não desempenhar um bom treino ou jogo, decrescendo progressivamente no seu rendimento, até mesmo, ele optar pelo abandono do esporte (BECKER, 2002).

A presente pesquisa buscou investigar a percepção de atletas de duas equipes participantes do campeonato promovido pela Federação Gaúcha de Basquetebol (FGB), em relação aos comportamentos, atitudes, condutas, fluência da comunicação e estados emocionais de seus técnicos. Para tanto, o estudo visou verificar e comparar quais as médias em cada uma das seguintes dimensões: comportamentos de suporte emocional (CSE), comportamentos de ativação negativa (CAN), e qualidade de comunicação (QCO), entre os jogadores de duas equipes.

MÉTODOS

A pesquisa caracterizou-se por um delineamento ex-post-facto, de caráter descritivo comparativo. Foram 25 atletas adolescentes do sexo masculino colaboradores desta pesquisa, com idades entre 14 e 15 anos, jogadores da categoria sub-15 do Campeonato Estadual de Basquetebol do Estado do Rio Grande do Sul, promovido pela FGB. Os sujeitos integravam duas equipes, em que nesse estudo uma equipe vai estar denominada de “Equipe A”, enquanto a outra de “Equipe B”. A amostra da Equipe A foi constituída de 15 jogadores e da Equipe B foi composta de 10 esportistas. Salienta-se que esses jovens desportistas da Equipe A já se conheciam e treinavam com o seu treinador a mais tempo do que os da Equipe B.

Para a coleta de dados, foi empregado como instrumento de investigação o *Coaching Behavior Questionnaire* (CBQ) de Kenow e Williams, validado no Brasil por Rocha e Cavalli (2006), e desenvolvido para suprir a carência de um instrumento que avaliasse as percepções dos atletas, acerca de comportamentos positivos e negativos de seus técnicos. O inventário engloba 16 itens e os seus dados estão relacionados ao que se propõe avaliar na percepção dos desportistas, no que diz respeito aos comportamentos de seus treinadores em três grandes conjuntos: comportamento de suporte emocional (CSE), comportamentos de ativação negativa (CAN) e qualidade da comunicação (QCO). As questões nessas três dimensões são numeradas e divididas da seguinte estrutura: CSE (1, 4, 7, 10, 13 e 15); CAN (2, 5, 8, 11 e 14); QCO (3, 6, 9, 12 e 16).

As respostas ao questionário foram delimitadas através de uma Escala de Likert de quatro pontos, sendo essas correlações numerais: (1) Discordo completamente; (2) Discordo; (3) Concordo; e (4) Concordo completamente, conforme a sugestão do instrumento original utilizado por Kenow e Williams, e validado por Rocha e Cavalli (2006). Para a análise dos dados, as questões relativas a cada uma das três variáveis de comportamentos dos técnicos foram distribuídas de modo aleatório, a fim de não criar tendências de respostas semelhantes para perguntas da mesma essência na sequência.

A estrutura do texto está organizada no seguinte formato: inicialmente estão expostos os dados sobre os aspectos de suporte emocional no esporte; após, se apresenta os pressupostos da ativação no esporte e, por fim, se descreve os elementos da comunicação no esporte.

RESULTADOS

Suporte emocional no esporte

Os jovens esportistas devem ser orientados por treinadores que oportunizem o seu desenvolvimento global, proporcionando-os um aperfeiçoamento saudável das qualidades dentro do contexto esportivo. Mas, há muitos técnicos que planejam a prática incompatível para a faixa etária dos adolescentes, como se fossem aplicar em adultos esportistas, o que pode causar um impacto grande nos comportamentos e personalidades de cada ser humano. Bem como, os sujeitos podem acabar abandonando o esporte mais cedo, por causa de algumas atitudes inadequadas vivenciadas (BECKER, 2000; WEINBERG; GOULD, 2001).

Os estudos publicados sobre a emocionalidade dos treinadores, em relação à percepção dos atletas, mostram que os esportistas têm uma imagem positiva do seu técnico, devido os educadores apresentarem um equilíbrio emocional bom durante os treinos e jogos (BECKER, 2002; MIRANDA; BARA FILHO, 1999; MACHADO, 1997). Atitudes de professores que estimulam positivamente os seus jovens jogadores, em diferentes situações dos jogos, como nos momentos desfavoráveis ou logo após algum erro individual, permitem que os esportistas busquem o esporte, acima de tudo, para se divertir, aprender, fazer amigos, etc. Porém, se a conduta for o oposto ao exemplificado acima, pode incentivar os indivíduos a procurem o rendimento em primeiro lugar, independente dos comportamentos (ROCHA; CAVALLI, 2006).

As emoções podem tanto inspirar quanto inibir a progressão desportiva, sendo que, quando positivas, o indivíduo pode facilmente atingir o proposto (TIGGEMANN et al., 2018). No entanto, quando toda a excitação transforma-se em ansiedade, provavelmente, o atleta começa a cometer erros que são possíveis de minimizá-los (MACHADO, 1997). Alguns atletas recebem dos seus treinadores pressão psicológica antes e durante as competições, e acabam reagindo de maneiras diferentes em relação a outros desportistas. Sugere-se, então, que o técnico faça apenas intervenções positivas, deixando de causar qualquer impacto negativo a estes indivíduos (BECKER, 2002).

Em relação à dimensão CSE (Tabela 1), formada por 6 questões, é possível observar que a questão 10 (a maneira de agir do meu técnico durante os jogos e treinos) foi a mais valorizada pelos atletas da Equipe A, com a média de $3,7 \pm 0,45$, enquanto que a questão 13 (meu técnico utiliza os tempos e os intervalos para construir confiança no grupo), foi a questão mais pontuada pelos jogadores da Equipe B, resultando a média de $3,4 \pm 0,69$.

Ficou evidente quanto a média total da dimensão CSE, composta pelas questões 1, 4, 7, 10, 13 e 15, a Equipe A obteve a média total de 3,12, enquanto que a Equipe B, conseguiu a média total de 2,46. Assim, os jogadores da Equipe A apontaram uma média mais elevada se comparados aos esportistas da Equipe B, o que demonstra um maior autocontrole emocional do técnico da Equipe A, se comparado ao treinador da outra equipe. Desse modo, de acordo com estudiosos dessa temática, o treinador da Equipe A é associado com uma margem mais positiva em relação ao outro educador, conforme podemos observar na Tabela 1.

Tabela 1. Questões da dimensão CSE.

Questão	Equipe A (Média \pm d. p.)	Equipe B (Média \pm d. p.)
Q1. Quando ocorre um erro em uma jogada fácil, mas em um momento importante de um jogo, meu técnico não demonstra irritação comigo.	2,33 \pm 0,48	1,5 \pm 0,70
Q4. Quando o time está perdendo, nosso técnico incentiva-nos e deixa-nos à vontade com relação a uma possível derrota.	2,6 \pm 0,89	2,3 \pm 1,15
Q7. Quando é preciso o tom de voz do meu técnico é calmo e transmite segurança.	3,4 \pm 0,63	2,5 \pm 1,17
Q10. A maneira de agir do meu técnico durante os jogos e treinos deixa o grupo relaxado e concentrado, o que permite que o time jogue bem.	3,7 \pm 0,45	3,0 \pm 0,81
Q13. Meu técnico utiliza os tempos e os intervalos para construir confiança no grupo.	3,53 \pm 0,51	3,4 \pm 0,69
Q15. Meu técnico consegue controlar muito bem as suas emoções durante os jogos.	3,2 \pm 0,56	2,1 \pm 0,73
Média total	3,12	2,46

As emoções dos jogadores e as suas expressões podem ser fortemente influenciadas pela percepção do ambiente (BECKER, 2000; SAMULSKI, 1995). Ao receber algum tipo de pressão, o esportista pode sofrer algum desequilíbrio emocional. Alguns atletas não preparados emocionalmente podem apresentar transtornos nos seus rendimentos, enquanto outros podem crescer em desempenho (QUADROS JUNIOR; VICENTIM; CRESPILO, 2006).

Dentro do âmbito da dimensão da CSE, a ansiedade é também um fator determinante, conforme algumas respostas dos atletas com relação às percepções dos mesmos sobre o seu treinador. Segundo Afonso (2007), a ansiedade é uma resposta a uma ameaça percebida, associada a uma incerteza, relativamente do que irá suceder. A ansiedade está relacionada ao estresse, medo, preocupação, e pela apreensão à possibilidade de danos físicos ou psicológicos (BARRETO, 2003; MACHADO 1997). O técnico que não consegue controlar sua ansiedade pode causar um impacto negativo e diminuir as chances de melhores rendimentos dos atletas (CELESTINO; LEITÃO; PEREIRA, 2019).

No esportista, a ansiedade pode levar à conduta hiperativa, podendo haver, nesse caso, comportamentos desproporcionais em relação ao objetivo e ao foco. No entanto, a ansiedade nem sempre tem efeito negativo sobre a execução do movimento, pois o papel que a autoconfiança desempenha é de extrema importância (QUADROS JUNIOR; VICENTIM; CRESPILO, 2006). Estudo de Tiggemann et al. (2018), realizado com atletas de basquete, observou que quanto maior o estresse inicial dos esportistas nas partidas, pior o desempenho no fundamento do arremesso, enquanto que o fundamento do passe, quem obteve melhor aproveitamento foram os atletas com maior nível de ansiedade e estresse.

A seguir, apresentam-se os aspectos referentes à tensão mais ou menos percebida pelos atletas das duas equipes, em relação às suas percepções sobre os seus técnicos.

Ativação no esporte

Para Becker (2002), a ativação é um estado físico, fisiológico e psíquico, que pode variar da apatia à agitação, dependendo da significação da situação para determinado atleta. O esportista deve procurar manter a sua intensidade sem nenhuma variação, sendo esse caráter decisivo na capacidade da sua atenção e da sua concentração. A interpretação que algum jogador fizer de sua ativação, deve influenciar a mudança do seu nível de ansiedade, podendo gerar uma melhor variação se comparado a outro indivíduo (SAMULSKI, 2002).

Cada atleta que elevar o seu nível de ativação poderá alcançar um rendimento ótimo, mas se ele chegar ao grau da sua atenção além deste ponto considerado excelente, seu rendimento poderá cair drasticamente, devido a sua atenção ficar prejudicada, de acordo com a curvilinear da teoria do U invertido. A teoria do U invertido é relacionada ao nível extremo da ansiedade, em que esportistas podem demonstrar um descontrole motor e emocional exagerado, por exemplo, a afobação (BECKER, 2000; WEINBERG; GOULD, 2001). É importante os treinadores motivarem os seus atletas, mas é também necessário que os educadores saibam lidar com a ansiedade dos seus jogadores, caso ela já esteja ultrapassada do seu ponto considerado ideal para a prática ou gesto esportivo.

Considerando a tabela da dimensão CAN, formada pelas questões, 2, 5, 8, 11, e 14, foi possível observar que as questões mais valorizadas, tanto para os atletas da Equipe A, como os jogadores da Equipe B, resultou-se da questão 2 (a maneira de agir do meu técnico). A Equipe A conteve a média de $2,6 \pm 0,82$ e a Equipe B a média $3,2 \pm 0,42$. Já a questão menos valorizada para os indivíduos da Equipe A e da Equipe B foi a mesma questão 5 (o comportamento do meu técnico fora da quadra), com a média de $1,46 \pm 0,51$ para a Equipe A, e a média de $1,6 \pm 0,51$ para a Equipe B. Quanto à média total da dimensão CAN, ficou evidente que a Equipe A obteve o total de 2,09, enquanto que a Equipe B obteve a média total de 2,28, em relação às questões desta dimensão (Tabela 2).

Assim, se observa um equilíbrio quanto às médias nesse conjunto psicológico, sendo que os atletas da Equipe B pontuam uma média mais elevada se comparados aos jogadores da Equipe A, diferente da dimensão anterior do CSE. Entretanto, a média mais elevada nessa dimensão significa que o comportamento do técnico seria mais negativo em suas condutas percebidas pelos seus comandados. Ou seja, novamente os jovens esportistas da Equipe A, percebem que o seu treinador contém uma postura mais condigna à dimensão CAN.

Para um maior entendimento do CAN dentro do contexto esportivo, o técnico não deve saber somente de tática e de técnica, todavia, também, precisa ter qualidades de percepção e decisão, ter um estilo de liderança com comunicação eficiente, e ter um estado de maior interatividade com os seus atletas. No entanto, essas características não são comuns, existindo controvérsias entre seus comportamentos entre um grupo de pessoas.

É sabido que o estilo de liderança diverge entre os treinadores. A relação interpessoal entre atletas e treinadores pode variar entre ser uma relação mais pessoal ou estritamente profissional, sendo que a atividade estruturada e organizada pelo treinador pode condicionar o atleta a ter maior ou menor rendimento. Em contrapartida, se o estilo de liderança adotado pelo técnico for convergente, os sujeitos podem acabar preferindo uma atividade mais norteada especificamente para o seu rendimento, pois estariam mais objetivados a este foco (GUILLÉN, 2003). Para tanto, o treinador precisa obter uma formação global que atenda os desafios não só no campo de treinamento, mas também de gestão e

relações pessoais. Além disso, faz-se importante ter o suporte de outros profissionais, como gestores e psicólogos, e poder contar com políticas públicas ou do setor privado para solucionar possíveis problemas com seu os atletas. Essa seria uma das maneiras do treinador conseguir manter o foco constante nos aspectos tático-técnicos e contribuir para o bom desempenho dos atletas (TOZETTO et al., 2019).

Tabela 2. Questões da dimensão CAN.

Questão	Equipe A (Média ± d.p.)	Equipe B (Média ± d.p.)
Q2. A maneira de agir do meu técnico por vezes precisa ser rude, mesmo que isso me deixe tenso e um pouco inseguro para jogar.	2,6±0,82	3,2±0,42
Q5. O comportamento do meu técnico fora da quadra enquanto dirige a equipe por vezes me distrai durante os jogos.	1,46±0,51	1,6±0,51
Q8. O comportamento do meu técnico faz por vezes com que o grupo se sintam tenso.	2,06±0,79	2,5±0,70
Q11. Quando meu técnico está tenso, os jogadores não têm um bom desempenho.	2,06±0,70	2,0±0,66
Q14. Meu técnico demonstra mais ansiedade e tensão antes de jogos mais difíceis, o que gera o mesmo sentimento no grupo.	2,3±0,89	2,1±0,87
Média total	2,09	2,28

Com um modelo de liderança humanista (educacional), contendo características, entre elas, aumentar o autoconhecimento e desenvolvimento obtidos pelos jogadores, o técnico pode valorizar todos, ao ouvir atentamente cada um, gerando uma maior alegria e conforto, e menor pressão social dos sujeitos durante treinos e jogos decisivos (BECKER, 2002). Essas características também foram mais latentes na Equipe A, se comparadas em relação à Equipe B, inclusive, dentro da perspectiva de um estilo de liderança com ênfase mais democrática. Dentro do estilo democrático, existe a possibilidade das inter-relações entre os sujeitos da equipe, promovendo uma elevada coesão do grupo, e estimulando a discussão e participação nas decisões a serem tomadas em nome do conjunto (BECKER, 2002; GUILLÉN, 2003).

Comunicação no esporte

A comunicação pode resultar aos atletas um poder de ganhos de conhecimentos, permitindo-os melhorar às relações entre todos os envolvidos no contexto esportivo, e resultar um importante passo para o desenvolvimento (GUILLÉN, 2003). Becker (2002) relata que alguns treinadores afirmam ser a comunicação a principal habilidade na sua atividade profissional, sendo ela o fator fundamental para o sucesso de alguma equipe. Com ela, o técnico pode ajudar os jogadores a se autovalorizarem como pessoas, podendo ter um aumento da motivação deles, e receber um carinho maior dos sujeitos. A comunicação pode representar aos educadores e desportistas uma boa fluência de informações e uma compreensão com maior clareza da mensagem (BECKER, 2002; ROCHA; CAVALLI, 2006; WEINBERG; GOULD, 2001).

Com relação à da dimensão QCO, formada pelas questões 3, 6, 9, 12, e 16, foi possível apreender que a questão mais valorizada para os atletas da Equipe A resultou da questão 6, com a média de 3,7±0,45. Enquanto que para os jogadores da Equipe B, foi a questão 12, com a média de 3,9±0,31. Já a questão eleita como menor valorizada, tanto para os sujeitos da Equipe A quanto aos indivíduos da Equipe B, foi a questão 16. A Equipe A teve a média de 3,4±0,50, enquanto que a média da Equipe B foi pontuada com 2,7±0,82. Fica evidenciado que a média total da dimensão QCO, especificamente das 5 das 16 questões que fazem parte do todo do questionário, a Equipe A obteve a média total de 3,53, enquanto que a Equipe B pontuou com a média de 3,4. Nessa dimensão, se constatou um maior equilíbrio quanto às médias entre os sujeitos das equipes, pois ambos os atletas dos clubes A e B valorizaram a maneira do seu técnico se expressar, bem como, a sua conduta positiva ou não com eles. Entretanto, se percebe novamente que os jogadores da Equipe A pontuaram com uma média mais elevada, se comparados aos atletas da Equipe B (Tabela 3).

Ressaltamos que muitas vezes, os jovens desportistas consideram os seus técnicos como algum ídolo, observando-os atentamente a sua postura, gestos, mensagens (não) transmitidas, expressões faciais, aparências físicas, etc. Ou seja, a comunicação dentro do esporte também está relacionada ao rendimento do atleta, o qual deve resultar em um importante passo para o desenvolvimento das atividades desportivas (GUILLÉN, 2003; BECKER, 2002).

Cada sujeito é um ser diferente dos demais, tendo uma capacidade distinta entre si para entender as mensagens transmitidas pelos técnicos. A comunicação não deve somente ser compreendida como proposta de transmissão de conhecimentos, mas também uma possibilidade de melhorar as relações entre todos os envolvidos no esporte (BECKER,

2002). O comportamento coletivo de uma equipe deve ser de condutas e atitudes consideradas coerentes entre técnicos e atletas, os quais devem apresentar-se e organizar-se como uma mini sociedade estruturada (GUILLÉN, 2003). Porém, estabelecer essa interação na prática não é fácil, pois isso é considerada uma atividade complexa da estrutura psicossocial nos jovens desportistas (CELESTINO; LEITÃO; PEREIRA, 2019).

Tabela 3. Questões da dimensão QCO.

Questão	Equipe A (Média ± d.p.)	Equipe B (Média ± d.p.)
Q3. Durante os treinos meu técnico procura motivar o time dando abertura para que demonstremos nossa opinião sobre a evolução do grupo deixando com que nós participemos em algumas tomadas de decisão.	3,6±0,48	3,6±0,51
Q6. Após um momento de bronca no treino, meu técnico explica o que ocorreu de errado e oferece alternativas para que possamos corrigir o erro.	3,7±0,45	3,5±0,52
Q9. Quando meu técnico precisa passar uma informação para o grupo, consigo entender perfeitamente o que lê quer que eu faça.	3,53±0,51	3,3±0,48
Q12. Antes e durante os jogos, meu técnico comunica claramente o que espera que o grupo faça no decorrer da partida.	3,46±0,51	3,9±0,31
Q16. Durante os pedidos de tempo meu técnico enfatiza o que deve ser feito ao invés de falar o que não deve ser feito.	3,4±0,50	2,7±0,82
Média total	3,53	3,4

Dentro desta dimensão, o treinador que evita escutar a opinião dos seus atletas pode provocar incômodo, insegurança e ansiedade neles. O técnico que utiliza termos pejorativos na sua comunicação ao seu grupo, como enfoques negativos, por exemplo, pode provocar uma diminuição da autoestima e aumentar o medo de fracasso dos atletas. Porém, se o educador emprega termos com caráter positivo, como exemplo, elogios, sua conduta poderá ajudar os esportistas a se autovalorizarem como pessoas, e gerar um aumento da sua motivação individual para cumprir determinadas metas (BECKER, 2002; GUILLÉN, 2003).

Para Weinberg e Gould (2001), as pesquisas publicadas sobre a comunicação, é fundamental a partilha e o recebimento de informações entre os atletas e demais da equipe envolvida. Isso inclui os gestos de alegria, satisfação, aparência física, postura corporal, condutas de contato entre técnicos e jogadores, e as expressões faciais dos líderes, por exemplos (OKUMA; FERRAZ, 1999; BECKER, 2002; GUILLÉN, 2003). O conteúdo não verbal deve ser instalado ao atleta durante os treinos e os jogos, assim, o medo, a desconfiança, a insegurança, podem resultar em pressupostos favoráveis para além do jogador dentro de quadra, mas de um atleta cidadão (WEINBERG; GOULD, 2001).

Para tanto, o desenvolvimento para a excelência na orientação acontece ao longo do tempo com base na boa interação entre os fatores que influenciam os distintos momentos em que se vivenciam nessa conjuntura. Assim, a excelência desportiva é reconhecida como um fenômeno multidimensional, sendo que os treinadores devem buscar orientar as dimensões do desempenho, mas também reconhecer as dimensões sócio contextuais e culturais que os atletas estão envolvidos (CELESTINO; LEITÃO; PEREIRA, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o exposto, ficou evidente que existiram diferenças entre as filosofias dos dois clubes pesquisados, devido, principalmente, aos comportamentos e as condutas apreendidas dos atletas em relação aos seus educadores. Foi constatado que a percepção de um jogador é diferente de outro, bem como, a percepção de uma equipe é distinta da outra, mostrando o papel fundamental que o treinador deve necessariamente ter no seu trabalho profissional e pedagógico. Em relação às médias da Equipe A nos quesitos de CSE e QCO, se comparados aos sujeitos da Equipe B, observou-se uma superioridade da primeira, uma vez que a amostra dos esportistas da Equipe A é composta por indivíduos que já estavam treinando há mais tempo com o seu comandante, assim, contendo, uma maior “sincronia” de trabalho.

Conforme as respostas obtidas pelos sujeitos deste estudo, concluímos que o treinador da Equipe A possui uma melhor conduta interpessoal com os seus atletas, se comparado com o técnico da Equipe B, ao considerarmos a percepção pontuadas nas questões pelos seus jogadores. Isso foi possível de ser compreendido por meio das respostas analisadas nas três dimensões que essa a pesquisa objetivou compreender (CSE, CAN e QCO). Foi entendido também, que as três

dimensões analisadas não podem ser exercitadas em um formato isolado, nesse caso, havendo a necessidade de um trabalho mútuo entre essas características psicológicas dos profissionais que atuam com o esporte.

Podemos concluir que o comportamento, as atitudes, as condutas, a fluência da comunicação, e os estados emocionais dos técnicos, normalmente respondem por múltiplas questões, que vão desde o comportamento de suporte emocional à qualidade da comunicação, passando pelo comportamento de ativação negativa, liderança e interações entre os sujeitos das equipes. Pelas respostas obtidas pelos atletas das equipes, ficou delimitado a importância que os treinadores devem ter quanto aos seus planejamentos e das suas estruturas em treinamentos e jogos, associando seus comportamentos às percepções dos jogadores, e que acima de tudo, possam possibilitar o desenvolvimento global dos próprios.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, J. Como desenvolver no atleta a capacidade de controle emocional em situações de elevada pressão. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Revista Digital, Buenos Aires, v. 11, n. 105, 2007. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd105/capacidade-de-controlo-emocional-em-situacoes-de-elevada-pressao.htm>>. Acessado em: 19 de junho de 2019.
- BARRETO, J. A. **Psicologia do esporte para o atleta de alto rendimento**. Rio de Janeiro: Shape, 2003.
- BECKER, B. J. **Manual da psicologia do esporte e exercício**. Porto Alegre: Nova Prova, 2000.
- BECKER, B. J. **Psicologia aplicada ao treinador esportivo**. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.
- CELESTINO, T. F. S.; LEITÃO, J. C. G. C.; PEREIRA, A. M. A. Determinantes para a excelência na Orientação: as representações de treinadores e atletas de elite. **Retos**, Murcia, v. 35, n. 1, p. 91-6, 2019.
- COLLADO MARTINEZ, J. A.; SANCHEZ SANCHEZ, M. El proceso de llegar a ser excelente en el deporte: el caso de Pau Gasol. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, Murcia, v. 17, n. 3, p. 231-8, 2017.
- GUILLÉN, F. G. **Psicopedagogía de la actividade física y el deporte**. Armenia: Kinesis, 2003.
- JOWETT, S. Interdependence analysis and the 3+1Cs in the coach-athlete relationship. In: JOWETT, S.; LAVALLEE, D. (Eds.) **Social Psychology in Sport**. Champaign: Human Kinetics, 2007. p. 15-27.
- KENOW, L. J.; WILLIAMS, J. M. Relationship between anxiety, selfconfidence, and evaluation of coaching behaviors. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 6, n. 4, p. 344-57, 1992.
- KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: EPU, 2003.
- MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte**. Jundiaí: Fontoura, 1997.
- MIRANDA, R.; BARA FILHO, M. G. Estados psicológicos do atleta competitivo. **Revista Treinamento Desportivo**, Londrina, v. 4, n. 3, p. 61-8, 1999.
- OKUMA, S. L.; FERRAZ, O. L. Pedagogia do movimento humano. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 13, n. Esp., p. 78-87, 1999.
- QUADROS JUNIOR, A. C.; VICENTIM, J.; CRESPILO, D. Relações entre ansiedade e psicologia do esporte. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Revista Digital, Buenos Aires, v. 11, n. 98, 2006. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd98/ansied.htm>>. Acessado em: 21 de junho de 2019.
- RIBAS, N.; FAGUNDES, T.; MACEDO, F. A adolescência e suas implicações para a prática esportiva. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 2, p. 43-60, 2003.
- RIBEIRO, V. B.; OLIVEIRA, S. R. G.; SILVA, F. G. Preditores psicológicos, reações e o processo de intervenção psicológica em atletas lesionados. **Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 70-88, 2013.
- ROCHA, C. M.; CAVALLI, F. Percepção de atletas adolescentes acerca de comportamentos de liderança de seus técnicos esportivos. **Revista Movimento e Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, v. 6, n. 8, p. 105-27, 2006.
- SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. São Paulo: Manole, 2002.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**: teoria e aplicação prática. Belo Horizonte: Centro Audiovisual da UFMG, 1995.

SULLIVAN, P.; JOWETT, S.; RHIND, D. Communication in sport teams. In: PAPAIOANNOU, A. G.; HACKFORTH, D. (Eds.) **Routledge companion to sport and exercise psychology**: global perspectives and fundamental concepts. London: Taylor & Francis, 2014. p. 559-70.

TIGGEMANN, C. L.; MENEZES, L. R.; KUNRATH, C. A.; DIAS C. P. Relação entre fadiga neuromuscular, ansiedade e estresse com o desempenho técnico durante partidas de basquetebol. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v. 12, n. 80, Supl. 3, p. 1171-9, 2018.

TOZETTO, A. B.; MILISTETD M.; COLLET C.; ILHA, T.; ANELLO, J. L.; NASCIMENTO J. V. Treinadores de basquetebol: os desafios da prática na formação esportiva de jovens. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, Murcia, v. 19, n. 1, p. 291-301, 2019.

VILANI, L. H. P. **Considerações gerais da psicologia do esporte pediátrica**: uma revisão da influência do contexto psicológico sobre jovens atletas. 2001. 96f. Monografia (Especialização em Treinamento Esportivo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

WEINBERG, R. S.; GOULD. D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Autor correspondente: **Leticia Borfe**

E-mail: borfe.leticia@gmail.com

Recebido: **12 de abril de 2019**.

Aceito: **24 de junho de 2019**.

* * * * *